

# **MATERIALIDADE E TRANSDIMENSIONALIDADE NAS NOVAS TEXTUALIDADES ELECTRÓNICAS: UMA TRANSIÇÃO DE PARADIGMA?**

[ENTREVISTA DE RUI TORRES (RT) A PEDRO  
BARBOSA (PB), MARÇO DE 2016]



**RT – Gostaria de começar por lembrar a tua Fábula ufológica n.º 12: «O UNIVERSO COMO HIPERTEXTO», na qual algumas questões relevantes para este diálogo parecem estar já tratadas, nomeadamente a relação entre *links* textuais, portais dimensionais, *wormholes* e viagens intergalácticas. Transcrevo, na totalidade, com a tua autorização:**

### «O UNIVERSO COMO HIPERTEXTO»

(*links* textuais, portais dimensionais, *wormholes* e viagens intergalácticas)

«E o mundo, sou eu que o contemplo, é ele que me contempla, ou trocamos-nos?» Herberto Helder

Os *wormholes*, furos ou buracos de verme, de que tanto se fala hoje em Cosmologia, são uma espécie de *links*, de verdadeiras hiperligações que atravessam o “hipertexto” do universo: o Universo é hiperdimensional. E o hipertexto, que hoje impregna o mundo da cibercultura humana, nada mais é do que uma alegoria textual desse universo. Outrora, e bastará recuar uns dez ou quinze anos, um historiador, antropólogo ou literato que quisesse estudar um livro chinês teria que agendar uma morosa viagem a Pequim para se deslocar à biblioteca nacional e lá o consultar. Levaria meses a consegui-lo. Hoje o investigador apenas precisa de se ligar à Internet e, mergulhado na infosfera, acede instantaneamente ao texto desejado. Mais: se accionar no seu navegador uma ferramenta de tradução automática, poderá até obter uma versão aproximada do livro chinês para a sua própria língua. Então, um *link* assim é um verdadeiro “buraco de minhoca”, um atalho textual que liga quase instantaneamente dois universos culturais situados nos antípodas do nosso espaço geográfico: através dessa hiperligação ele passa imediatamente de um texto para outro texto independentemente da distância. Praticamente todos os textos do mundo virtual passaram a estar acessíveis à distância de um nada, ou do simples clicar de uma tecla. Um texto na China não demorará muito mais tempo a ser visto no ecrã do que um outro texto localizado no nosso próprio computador. Anulou-se o tempo e o espaço que separava esses textos. E bastou

pouco mais de uma década para que a globalização da Internet tornasse este milagre possível. Algo impensável há duas décadas atrás.

Assim poderão conceber-se as viagens espaciais entre estrelas ou galáxias infinitamente distantes segundo as leis espaço-temporais da geometria einsteineana. Uma hiperligação feita de um texto para outro é um verdadeiro *wormhole*, um portal dimensional que liga informaticamente dois quaisquer blocos de conhecimento do nosso mundo, por mais distantes que se encontrem.

Então, sem violar sequer o limite da velocidade da luz, as ainda hipotéticas viagens interestelares podem ser concebidas exactamente assim: na condição de conhecermos ou criarmos esses *links*, esses túneis espaço-temporais entre mundos distantes ou entre mundos paralelos. Tais portais interdimensionais permitiriam, com igual facilidade, a conexão entre mundos infinitamente distantes, e isso independentemente da distância a que se possam encontrar num espaço euclideano – que não no hiperespaço! Basta conceber o Universo à semelhança estrutural do hipertexto, que é um texto 4D, a quatro dimensões: tal qual o hiper cubo dos matemáticos, que é um cubo 4D. Um *link* textual torna-se então, no mundo cultural, o protótipo em escala reduzida do que poderia ser um “portal cósmico” ou ligação interestelar no infinito contexto transgaláctico do Universo: e usamos aqui o termo “portal” (ou “vórtice interdimensional”) propositalmente para evocarmos a terminologia cara aos esotéricos da cosmologia ou da ufologia holística.

Uma hipótese a ser ensaiada a curto prazo?

(Pedro Barbosa, in: *Fábulas Ufológicas e outros ensaios: na órbita da questão extraterrestre*, Bubok Publishing S. L., 2014)

**RT – Não deixa de ser curioso que este texto tenha como epígrafe um verso do Herberto Helder, poeta que ambos apreciamos e que nos serviu como material base para experiências no âmbito da literatura gerada por computador... Diz esse verso: «E o mundo, sou eu que o contemplo, é ele que me contempla, ou trocamos-nos?».**

PB – Sem dúvida. O Herberto Helder, de facto, tinha uma intuição inata curiosíssima. Isto tem um significado incrível. Nós julgamos que observamos, mas na realidade não estaremos a ser observados? Há aqui uma interacção muito interessante entre o sujeito e o mundo... Uma relação que é dialéctica, biunívoca, bidireccional.

RT – De qualquer modo, neste texto acima transcrito, sugeres que a ligação entre dois *links* constitui uma espécie de *wormhole*. A minha pergunta é: não fazemos já isso mentalmente, com os mecanismos de referência, com a intertextualidade, as alusões discursivas? Qual a diferença entre este tipo de ligação, a qual activa, tornando presente um certo dado de um certo reportório, e essa tua referência aos *links* como *wormholes*?

PB – Essa questão é interessante, pois tudo está interligado com tudo. Mas aqui eu terei de antecipar que tento hoje estabelecer uma ponte entre o que gostaria de chamar a minha passada fase ciberliterária e a actual fase ufológica ou alienígena. E viria a propósito evocarmos então aqui um conceito algo distante mas que é a base do hermetismo (e Herberto Helder estava impregnado de hermetismo): ou seja, «o que está em cima é o que está em baixo», ou então «o que está fora é o que está dentro». A ufologia anda à procura, fora de nós, das respostas para aquilo que está dentro de nós. E também conviria recordar o conceito esotérico de *Akasha*, que em sânscrito suponho ser equivalente a “éter”, daí o “arquivo akáshico” ou etérico – algo que me faz pensar na *cloud*, na “nuvem virtual” que é hoje a internet global, onde se arquiva em estado desmaterializado o conhecimento humano a nível mundial. Vejo essa grande rede mundial como uma espécie de protótipo electrónico, à pequena escala humana, do *akasha* cósmico. Um sinal da transição planetária que, segundo creio, estamos a atravessar?

RT – Esse mesmo princípio parece estar envolvido na passagem do material ao imaterial, obrigando-nos a repensar a própria relação entre virtual e actual na textualidade?

PB – De certo modo sim. Porque para mim o Todo existe em estado potencial: o que chamamos de realidade é tão-só uma das suas múltiplas manifestações. Daí o jogo entre o texto potencial (que é um texto matricial, gerador, mas em estado virtual) e o texto actual, ou multitema, pois na verdade é um campo textual, uma imensa variabilidade de textos concretizáveis. Talvez por isso, esse sempre tenha sido o cerne do meu trabalho no âmbito da Ciberliteratura, tanto na exploração de estruturas combinatórias quanto aleatórias. Não é a própria Natureza, tal como o nosso próprio ADN, uma infinita combinação de átomos e de moléculas diferentemente estruturadas? Claro que isto nos levaria a modelos científicos como a teoria dos mundos paralelos, a teoria dos mundos possíveis, ou ao conceito de multiverso.

RT – A falta de instrumentos científicos estará relacionada com a falta de aparato conceptual para entender estas manifestações, seja nas ciber textualidades, seja nas trans-consciências do mundo? Faltam-nos metalinguagens?

PB – Eu diria que sim, mas só em parte. Admito que haja vários níveis evolutivos, cognitivos, diferentes densidades e dimensões nessa cebola cósmica do multiverso. Veja-se só neste nosso plano matérico 3D: conseguirá uma barata entender algo da civilização humana dentro da qual habita? Que saberá um peixe no mar, ou mesmo num aquário, da existência do ser humano? Ou como poderá um verme debaixo da terra, cego e surdo, conhecer as estrelas no céu? Para ele não existe astronomia, é quase certo! E estamos a falar de seres que de certo modo co-habitam o mesmo plano matérico que nós. Com isto quero dizer que há barreiras sensoriais, cognitivas, evolutivas, intransponíveis neste universo. O que mais haverá num multiverso pluridimensional? Por isso eu colocaria aqui as coisas um pouco ao contrário. Talvez não seja só a falta de instrumentação científica. Estou cada vez mais convencido de que estamos num momento de transição vibracional, a passar de 3D para 5D: ainda estamos a meio do caminho, que é uma situação instável de 4D, e é aí que a infor-

mática, a meu ver, tem o seu lugar na transição. Nesta fatia 4D transitória por que estamos a passar, a nossa consciência 5D vai precisar de formas de expressão adequadas a uma nova compreensão das coisas. Quem está plenamente enraizado na terceira dimensão não consegue entender isto. Consideremos só a diferença entre uma inteligência concreta e uma inteligência abstracta. Um agricultor primitivo, por exemplo, sabia muito bem quando semear, como agir neste universo, mas não tinha a compreensão abstracta de como as plantas se desenvolvem, nem de todas as energias solares, e outras, que intervêm nesse processo de revitalização. Portanto, ele tem essa inteligência concreta, mas não tem inteligência abstracta. Pelo contrário, um biólogo, um biólogo de laboratório que estuda a célula, por exemplo, é capaz de compreender muito melhor o processo vital, mas nem sempre de fazer o que o agricultor faz. Refiro esta distinção para ajudar a compreender a razão por que algumas pessoas estão tão completamente formatadas para viver em 3D, no mundo matérico, e porque toda a sua inteligência é aplicada nesse processo. Digo isto sem juízos de valor, simplesmente essas pessoas não são capazes de entender uma vida diferente dessa. Penso que há neste momento de transição duas humanidades em presença: uma involutiva ou estacionária, e outra evolutiva. Já não conseguem entender-se uma à outra: daí, talvez, a conflitualidade insanável que se instalou no planeta a nível global. Uns continuarão a viver em 3D, outros fazem a transição para 5D.

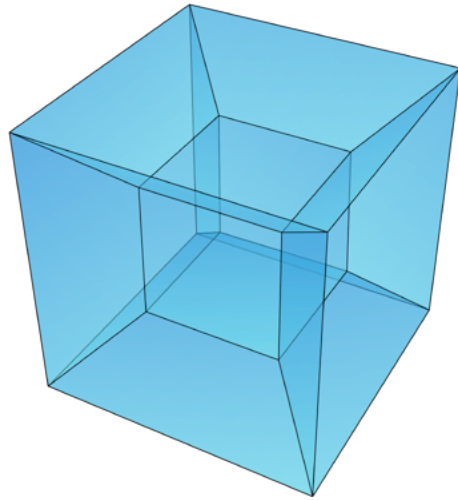


Figura 1. Representação de Cubo 4D. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hypercube.svg>

RT – É, no fundo, a história de *Flatland: A Romance of Many Dimensions*, o “romance” de 1884 escrito pelo Edwin Abbott (professor da Universidade de Cambridge) com o curioso pseudónimo “A Square” (Um Quadrado), onde descreve um mundo de duas dimensões... Esse livro, aparte a questão de apresentar uma certa visão crítica das hierarquias vitorianas da época, ilustra de um modo muito criativo e peculiar a forma como a dimensão em que vivemos nos impede de entender outras dimensões, isto é, nos impede, no fundo, de interpretar o que está além daquilo que nos rodeia. Um pouco como as obras de Lewis Carroll (pseudónimo de Charles Lutwidge Dodgson, também ele foi um reconhecido professor de lógica e matemática em Oxford), por essa mesma altura, com obras de efeito semelhantes, como *Alice no País das Maravilhas*, entre tantas outras...

PB – Ora nem mais! Isso explica perfeitamente muita coisa. Eu só acrescentaria a *Flatland* esta faceta: a possibilidade do trânsito ou de comunicação entre dimensões. A interdimensionalidade, portanto, em certas condições de transição.

RT – E como é que se define um mundo 5D?

PB – Ora bem, para isso era preciso lá estarmos, não é? (*risos*). Eu arriscaria dizer que o mais próximo do que julgo poder assemelhar-se a um mundo 5D seria a nossa experiência onírica. Ou as chamadas viagens astrais, que são experiências fora do corpo físico, em corpo subtil, energético. Já que citaste livros, também o clássico *Um Conto de Natal* do Dickens, tem muito disso na sua última versão cinematográfica de Robert Zemeckis (2009). Ora, quando nós sonhamos, o espaço e o tempo anulam-se, nós transitamos de um lugar para o outro, ou de um momento para outro, instantaneamente. Aí, a velocidade é a do pensamento, ou da imaginação. Os seres com quem contactamos num sonho mudam de visual e nós dizemos: é o Julião, é a Juliana. No entanto, eles têm rostos diferentes do Julião e da Juliana que conhecemos na vida real, no mundo concreto 3D, e no entanto essa experiência onírica que nos parece absurda no plano do real, não é absurda quando estamos a sonhar. Na verdade, é a nossa realidade, quando estamos a sonhar. É uma realidade que abdica de determinados nexos espaço-temporais, nexos lógicos, etc., dos quais nós precisamos para viver nesta estrutura matéria densa. Mas nos sonhos o sentimento íntimo, intrínseco, do nosso “eu” permanece o mesmo independentemente da forma, do corpo da personagem que a representa. O mesmo para o reconhecimento do “outro” (do Julião e da Juliana). Esse “eu” que atravessa múltiplos planos é o que eu chamo de “eu transcendental”, para evitar as conotações religiosas de palavras como alma ou espírito. E designo-o por “eu transcendental” porque é ele que também transcende o nascimento e a morte, o antes e o depois. E isto para não entrarmos nas teorias reencarnacionistas... Mais uma vez, não há aqui um juízo de valor de superioridade ou inferioridade. Talvez até seja o contrário, já que quem desce ao mundo denso é quem mergulha numa vida mais difícil, é quem tem uma experiência de vida mais difícil, mais dolorosa, mais resistente... É muito mais fácil voar num sonho do que aqui, pois lá, o nosso corpo flutua no ar... Porém, quando acordamos, quando reentramos no corpo físico, ficamos perplexos por já não conseguirmos fazer o mesmo. É aqui que a meu ver se enraíza a velha disputa en-

tre materialismo e espiritualismo. Um tem uma visão ascendente, o outro descendente. Repito, não há aqui um juízo de valor de superioridade ou inferioridade. Para o espiritualista é o espírito que desce e que se materializa na matéria. Para o materialista é o contrário: a consciência nasce da complexificação da matéria, da complexidade do cérebro, etc. É esse o ponto de vista das neurociências. Para o espiritualista não é o cérebro que gera o pensamento, a consciência, antes se vê o cérebro como uma espécie de antena, de rádio, que capta vibrações mais subtis. Repare-se: quando ouvimos rádio, a música não está lá dentro, no aparelho, ele apenas capta as ondas electromagnéticas que trazem a música gerada noutro lugar. A meu ver foi assim que o pensamento científico materialista que vigorou nos últimos séculos, particularmente desde o Iluminismo, com o seu apogeu no positivismo do século XIX, anulou por completo esta perspectiva triádica do ser humano, que é a sanduíche que nós somos na terceira dimensão. Para simplificar: o corpo, a mente e a consciência, no meu modo de ver, correspondem exactamente ao triângulo semiótico do significante, do significado e do sentido. O triângulo semiótico está na nossa estrutura humana 3D.

RT – Não deixa de ser intrigante o facto de, pelo menos em teoria, a dimensão do imaginário do ser humano, a sua perspectiva artística, tenda sempre para isso. Bastaria pensar em Pirandello – e isto sem querer (ou querendo...) trazer aqui o teu passado, já que há todo um percurso teu que também passa por isso, no que diz respeito aos estudos de teatro, etc. – para encontrar essa dissolução das fronteiras: a vida é arte e a arte é vida; o sonho é real e o real é sonho...

PB – Vem mesmo a propósito, essa tua observação. A dimensão imaginária, que referes, tem a ver com os sonhos na medida em que ambos nos levam para outros mundos possíveis. “A realidade é muito mais inverosímil do que a ficção”, afirmava Luigi Pirandello na esteira de Mark Twain – e toda a sua obra o demonstrou. No caso de Pirandello a peça *Sogno ma forse no* (Sonho, ou talvez não) é um bom exemplo. Faz lembrar

aquele antiquíssimo paradoxo de Lao Tsé: Sou eu que sonho que sou uma libélula, ou sou uma libélula sonhando que é um ser humano? Por isso vejo nesse verso de Herberto Helder algo *zen*, algo da dualidade taoísta: «E o mundo, sou eu que o contemplo, é ele que me contempla, ou trocamos-nos?». Supera a oposição clássica entre subjectividade e objectividade.

RT – E como é que tudo isto te leva, como tens comentado, às novas textualidades electrónicas?

PB – Precisamente porque todas nasceram da computação. Penso que estarás de acordo comigo se eu disser que neste último meio século a evolução tecnológica foi tão acelerada que ela evoluiu muito mais do que durante os vários milénios que vão da civilização Suméria até à Revolução Industrial na Inglaterra. A revolução tecnológica tem pouco mais de um século, e não sete milénios. E é aqui que a ufologia e a informática parecem cruzar-se, mesmo que pareçam tão divorciadas. Segundo muitas investigações ufológicas (e não são teorias da conspiração), parece poder concluir-se (e eu partilho dessa hipótese) que muito desta última vaga da evolução electrónica se deve à colaboração secreta de alguns países com civilizações alienígenas muito mais evoluídas que se encontram entre nós. Pelas experiências que me foi dado vivenciar nos últimos anos, eu estou convencido que muita dessa tecnologia foi-nos fornecida por seres extra-planetários ou mesmo inter-dimensionais. Mas isso é outra história, impossível de contar aqui, nem teria cabimento.

RT – Essa tecnologia refere-se à máquina universal do Turing, e o que daí adveio?

PB – Podemos ver a coisa assim, na sua estrutura básica. Mas a meu ver há algo mais. Tanta coisa acelerou este processo vertiginosamente que a civilização actual já quase funciona em rede (não podemos esquecer que a internet tem apenas duas décadas...). E esta comunicação em rede constitui algo completamente diferente da comunicação em leque, a que tínhamos até ao tempo da televisão e dos mass média, em que a

comunicação se fazia de um para todos, a partir de um centro difusor. No entanto, a comunicação em rede não tem centro nem periferia, vai de todos para todos. E esta comunicação em rede está a alterar a civilização humana em muitos aspectos, e isto tem sido já muito estudado. O que me parece importante na internet, na nuvem, na *cloud*, é que a internet, no fundo, é uma nuvem electrónica à volta da Terra para a qual fazemos migrar todo o conhecimento humano. De certo modo, aquilo com que sonhava Teilhard de Chardin e a que chamava noosfera, só que hoje não é já uma noosfera puramente mental, mas antes uma esfera electrónica onde se materializa a informação. Nós passamos para essa nuvem electrónica todo o conhecimento humano, para o bem como para o mal, as verdades e os erros. Haja em vista a Wikipédia, o YouTube, e congéneres... Na confusão da internet temos de certa maneira a cultura humana condensada, e quando nós precisamos de saber alguma coisa, instantaneamente vamos a um motor de busca e encontramos lá alguma coisa, nem que seja um hiper-cubo (*risos*), como há pouco nós próprios fizemos. Isto faz-me pensar no pensamento hermético, hindu, egípcio, hebraico, etc., até ao neo-esoterismo, com o chamado arquivo akáshico. Julgo que a ideia de muitas religiões de que “tudo está escrito” vem daí: todo o conhecimento do universo está nesse *akasha* etérico, que é uma espécie de internet cósmica. Claro que nós não temos acesso ao *akasha* no nível evolutivo em que nos encontramos... Mas a internet humana funciona como uma espécie de protótipo desse arquivo akáshico, ao qual acedem seres de evolução superior. Ao que se admite, de 5D para cima, pois isso implica estar fora dos constrangimentos humanos do tempo e espaço...

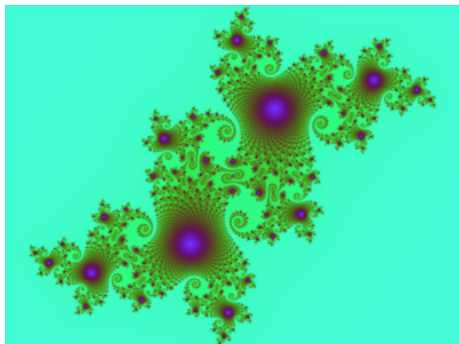
RT – Mais: estamos a construir esse “arquivo” em tempo real, já que a internet está neste momento diferente daquilo que era quando começámos a nossa conversa, este arquivo “tosco” está em metamorfose e em permanente transformação, partilha da latência e da abertura...

PB – Pois, acompanha a mutação da vida humana. Por isso eu vejo na internet uma espécie de

metáfora ou protótipo do que chamamos Arquivo Akáshico a nível cósmico, ou etérico, onde estão “registadas” as nossas vidas passadas, presentes e futuras, ou seja, onde estão todas as potencialidades e aquilo que o labirinto da vida nos permitiu realizar, ou seja, as coisas actuais. Esta dicotomia entre potencial e actual joga-se aqui. Tanto na vida como no texto virtual. Por isso é que aquela citação do Fernando Pessoa que está ali (*aponta para um poema na parede*): “Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou” ou “Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.”, são para mim versos iluminados. De alguém que, através da poesia, do imaginário, acedeu a algo de muito mais subtil. Do ponto de vista existencial, tanto quanto do ponto de vista textual. Entrando agora no domínio das textualidades, consideremos a estrutura do hipertexto, que é a mais conhecida e a que usamos com mais frequência. O hipertexto é um labirinto: nós percorremos um caminho de leitura, mas quem gerou o hipertexto gerou imensas possibilidades, gerou um campo de possíveis ou, se preferires, um campo de leitura praticamente infinito. O leitor percorre um caminho com um objectivo e uma meta: toma uma direcção. No entanto, ele pode, se quiser, percorrer muitos outros caminhos. E por ínvios caminhos atingir a mesma meta. Como na vida. Daí talvez o dito popular: “Deus escreve direito por linhas tortas”. Nós temos de facto um caminho a percorrer, e podemos percorrê-lo em linha recta ou com muitas curvas, mas temos de chegar à meta, temos de atravessar o Hipertexto da Vida. No entanto, todos os outros caminhos que não foram percorridos, eles também fazem parte de nós, porque fizeram parte das nossas escolhas. Escolhemos aquele percurso, aquele nó do labirinto, anulando com isso todos os outros. Mas os outros também são parte de nós, são aquilo que excluímos. São os nossos não, e nós somos feitos dos sim, que percorremos, e dos não, que recusamos percorrer. Este verso do Fernando Pessoa, para mim, resume muito bem estas novas estruturas textuais, seja o hipertexto, o texto virtual, o texto combinatório, etc.

RT – Façamos aqui um pequeno parêntesis. A escrita já fazia um corte epistemológico com as nossas concepções de espaço e tempo. Ela inscreve, rasura, num suporte, permitindo enviar(-se) à distância. No momento dessa inscrição, no *escrito*, todas as outras opções, porém, desaparecem. No hipertexto, pelo contrário, podemos fazer uma espécie de *reverse engineering*, isto é, nós conseguimos identificar os traços das possibilidades, o mapa dos sim e dos não. Que salto é que há, na nossa concepção de espaço e tempo, da escrita, que dissolve um paradigma, para o hipertexto?

PB – Era justamente aí que eu queria chegar. E essa questão leva a múltiplas respostas, mas aqui vou salientar apenas uma. É porque o hipertexto, tal como o texto combinatório ou o texto potencial, guarda dentro de si o passado, o presente e o futuro. Está de certo modo no extra-tempo, na tal transição do nosso plano (ou planeta) de 3D para 5D. Daí a sua estrutura mediadora a 4 dimensões, o tal cubo 4D de que falámos no início da nossa conversa. No entanto, para conseguirmos ligar estas manifestações textuais àquilo que a cosmologia e a ufologia estudam, estas estruturas trans-dimensionais, não podemos prescindir daquela crença universal na “metempsicose” (ou teoria das vidas passadas, que nos leva à teoria dos mundos paralelos e à ideia de um universo multidimensional...). É como se essa ideia estivesse de certo modo inscrita em nós, no nosso inconsciente colectivo. E, voltando à experiência onírica, o que nos mostra ela? Que o nosso “eu”, durante o sono, nos sonhos, atravessa uma infinidade de vidas e de pequenos mundos no interior desta vida que tomamos como vigília. A estrutura da realidade é fractal, um jogo de encaixes múltiplos como o das caixas chinesas ou das bonecas russas – umas dentro das outras.



**Figura 2.** Imagem de um fractal do tipo Julia set.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Julia\\_set\\_\(indigo\).png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Julia_set_(indigo).png)

E quem nos garante que este nível a que chamamos vida real não é apenas o sonho de uma outra realidade maior? Um outro nível, portanto. Por isso eu gosto de chamar a este “eu” que atravessa o infinito mundo dos sonhos de “eu transcendental” (mas podemos chamá-lo de “eu superior”, como Jung; ou alma, ou espírito, como as religiões). Não importa o nome. O facto é que a nossa consciência atravessa todos estes mundos, todas estas dimensões da realidade, e no entanto sente-se sempre a mesma – única. E a partir de um certo nível evolutivo (digamos 5D, 7D...), em que passamos a ter acesso a esse arquivo akáshico, teremos acesso às vidas passadas, presentes e futuras, simplesmente porque já estamos fora do espaço e do tempo que limita este plano matérico, denso. Aí ascende-se a um estado subtilizado, a um não-tempo.

RT – Ao não escolhido, ao não denso... E, portanto, um acesso ao não escolhido, ao não denso?

PB – Sim. E repara que no hipertexto, como referiste, nós podemos percorrer um caminho, mas podemos depois visitar os outros, e temos consciência de que há outros, e podemos ir lá, e vê-los.

RT – Isto é, consegue-se criar um mapa, certo? O hipertexto, portanto, como mapa, e isto embora a internet, na sua arquitectura múltipla e descendida, não possa ser sujeita a uma topologia...

PB – Sim, um mapa electrónico, mas sobretudo um outro procedimento cognitivo que talvez nos ajude a evoluir para um outro estágio menos agarrado a esta densidade matérica, a adaptarmos a um novo estágio de consciência. Talvez a passar de uma linearidade para uma multiplicidade de pensamento. Repara que um bebé, quando nasce, precisa de aprender a viver nesta dimensão: precisa de aprender a andar, a agarrar os objectos, a compreender as distâncias...

RT – E isto sendo o ser humano o animal que mais tempo demora a adaptar-se a todo esse ambiente exterior...

PB – É verdade. Viver neste plano matérico denso, aprender a utilizar este corpo biológico como um escafandro para esta dimensão, é difícil, leva tempo. Por isso, ao que se admite saber através da ufologia holística, em níveis dimensionais superiores e mais subtis não há crianças. Isto parece muito paradoxal. Não há crianças tal como não se envelhece, simplesmente porque o tempo nem existe. Haja em vista as chamadas “novas crianças” que começam a surgir no nosso planeta em progressão geométrica: parece que já nascem ensinadas, a escola nada lhes diz nem se adaptam a ela, manifestam capacidades paranormais como a telepatia, visão astral ou radiocópica, etc. E já agora que conversamos sobre informática: mesmo as crianças ditas “normais” espantam os seus pais com o modo como lidam com as novas tecnologias, parece que sabem usá-las intuitivamente sem que tenham aprendido. Todos sabemos disso, e tu deves ter essa experiência em casa, não? [risos] Duvido que seja só uma questão de ambiente familiar ou social.

RT – Eu sei que há mais de uma década só te dedicas àquilo que (talvez erradamente, como também já me comentaste) se chama ainda de ufologia. E tens tido algum receio, ou pudor, em parecer delirante. No entanto, embora apenas vagamente, sei que tudo isso tem uma base, uma razão de ser. Queres aproveitar para clarificar isto? Confio que o campo das ciber-textualidades muito poderá aprender com essa experiência.

PB – Ando a escrever longamente sobre esse assunto, que não é só matéria de estudo teórico, mas de investigação em torno de uma vivência empírica. Voltaremos a isso talvez lá mais para a frente. Neste nosso diálogo eu só queria era deixar algumas pistas que relacionassem essas duas áreas aparentemente tão distantes ou distintas: o universo da ufologia e o mundo da informática. Dar às cibertextualidades, digamos assim, uma dimensão metafísica, substancial, para lá do seu estrito formalismo, da sua materialidade. Digamos, tentar ver em tudo isto uma transição de um paradigma unidimensional para um paradigma multidimensional. Então, voltando ao plano da textualidade: é como passar da escrita e do pensamento linear, que ainda usamos, e usaremos, à escrita e ao pensamento plurívoco. No hipertexto, como na hipermedia, no texto combinatório, aleatório, generativo, potencial, virtual ou outro, não há verdadeiramente um texto nem uma leitura (não me refiro ao plano semântico e sua pluralidade de hermenêuticas). Factualmente aqui não há uma leitura nem um texto únicos, há antes um “campo textual” que tende para a dispersão, para o infinito. Tudo isto, todas estas novas estruturas textuais traduzem, a meu ver, uma clara mudança de paradigma potenciado pela invenção do computador: considerado este não como um mero armazenador de informação mas nas suas capacidades de gestão algorítmica. Ou seja, como um “extensor de complexidade”. E embora muitas destas estruturas textuais tenham surgido, em grande parte, do movimento da poesia concreta, visual, ou experimental, chamemos-lhe assim, mas também de experiências formalistas como as do grupo Oulipo e depois Alamo, elas foram-se complexificando com a ajuda da tecnologia apropriada. Trata-se de uma mudança tão vertiginosa que se torna difícil defini-la, e defini-la hoje não será a mesma coisa que defini-la amanhã. Estas variedades textuais com que lidamos, naquilo que chamo de Ciberliteratura (reportando-me ao seu sentido mais etimológico), obrigam-nos a pensar. E que é um livro virtual? Na realidade é um algoritmo informático onde está uma matriz textual que produz uma infinidade de textos – um objecto que gera textos, mas onde não existe verdadeiramente

nenhum texto formado. Aqui, a própria relação do autor com o texto altera-se radicalmente. E porquê? Porque eu posso imaginar, antever, uma perspectiva daquilo que o algoritmo vai gerar, em termos de sentido, em termos de estrutura, mas não saberei nunca concretamente quais textos vão ser gerados, o que é que o leitor vai ler. Sobretudo se o algoritmo for de base aleatória, randômica. Nenhuma instituição de censura poderia actuar eficazmente sobre esse livro virtual com o seu lápis vermelho! [risos] Porque ele pode até produzir um texto tão imprevisível que o autor poderá nem se rever nele... Em termos pessoais, essa foi sempre a linha que mais me fascinou: a indeterminação, a imprevisibilidade, a desarticulação da linguagem literária estereotipada, a recriação de novos sentidos.

RT – Que é o que o surrealismo talvez não tenha conseguido plenamente fazer, embora o tenha tentado, já que os chamados “cadáveres esquisitos”, embora procurem o inesperado, sempre e necessariamente remetem para um repertório de informação, uma cultura, um centro de referências. E isto porque, ainda que de um modo inconsciente, talvez exista já uma identidade, uma aprendizagem e uma marca, que sobressaem, convocando o arquivo denso, o já existente...

PB – Exacto. Essa diferença que referes é importante. Aqui trata-se de uma lógica matemática, ou algorítmica, mais do que uma lógica do subconsciente como a do surrealismo! E já agora deixa-me contar uma coisa divertida. É que só me apercebi verdadeiramente disso, de que estava a lidar com uma outra maneira de tratar a linguagem, aquando da representação teatral de *AlletSator1*: porque os actores tiveram imensa dificuldade em memorizar o texto, e só então percebi porquê. Porque não conseguiam encontrar âncoras mnemónicas, associações de tipo psicológico. Era como se se tratasse realmente de um “texto artificial”, algo estranho à mente

1 Para mais sobre *AlletSator*, cf. número 2 da Revista *Cibertextualidades*, disponível em <http://cibertextualidades.ufp.edu.pt/numero-2-2007>

humana, pois na realidade a estrutura subjacente era combinatória, em espiral contínua, embora a base geratriz tivesse sido aleatória. Digamos que, ao contrário do acaso surrealista, que tinha uma base psicológica, aqui a base era mais matemática, algorítmica. Nem imagino o quanto eles me devem ter ficado a odiar! [risos]

RT – Isso talvez se deva, como referes, ao facto de um actor estar efectivamente habituado a “interpretar” textos, memorizando-os previamente. Aqui, o *software* interpunha-se também no processo, como *performer*, isto é, como parceiro na geração textual dramática. O “inesperado” que está associado à generatividade textual obrigava-nos a pensar numa espécie de libertação?

PB – Curiosamente, o texto generativo acaba por ser, no texto literário, aquilo que a gramática generativa do Chomsky de certo modo propunha, portanto assenta numa forma de trabalhar a linguagem com um certo paralelismo com a linguística, enquanto ciência. E que sentido fazia introduzir a máquina no interior do processo? Para potenciar a linguagem humana, libertá-la dos estereótipos mentais, desarticulá-la de modo a gerar novos sentidos imprevistos, ou inesperados, como referes. Aqui o computador era então usado como auxiliar, e não como substituto, da criatividade literária. O tal “telescópio de complexidade”, um manipulador de sinais e portanto como “máquina semiótica”. Um libertador de sentidos...

RT – Além da programação de textos “teus”, recorreste também, em alguns casos, à poesia de Herberto Helder, como foi o caso das “Cinco canções lacunares”. Porquê?

PB – É verdade, e ainda bem que referes isso. Não foi só por ser um dos meus poetas preferidos. Houve dois outros factores que contribuíram para isso. Ou mesmo três. Primeiro, pela sua grande liberdade metafórica, o que facilitava a coesão textual na programação, por forma a que os novos textos gerados produzissem sentido.

Em segundo lugar, porque na sua fase mais experimental confluíam duas linhas: uma de tradição surrealista, digamos, e outra de linha combinatória mais cultivada pelo movimento concretista de então. Mas houve ainda uma terceira razão, que foi justificar a simbiose homem/máquina na criação artística. Sendo ele, para mim, um dos maiores poetas vivos na época, frequentemente “via” que, ao trabalhar esses textos, o sintetizador textual me devolvia soluções metafóricas e de sentido muito mais imaginativas que aquilo que o próprio poeta, que já era um grande poeta, propunha. Foi para tentar demonstrar que com o computador era possível exceder os limites da imaginação humana. E não é para isso que servem as máquinas? Para exceder as limitações humanas? Para que serve o guindaste? Para que serve uma bicicleta? Eu via no computador uma espécie de “prótese mental”.

RT – Também eu acabei por experimentar isso com o *Húmus*, já que a dimensão programada dos textos e das variações que as novas combinações textuais me devolviam faziam-me entrar numa espécie de vertigem do texto.

PB – Sim, o *Húmus*, claro. O Herberto Helder infelizmente nasceu antes da ferramenta de que precisava, que era o computador (risos), mas deixou a semente, e a cultura é feita dessas sementes. E nós, ao trabalharmos nesta área, mas na era “ciber”, desenvolvemos a semente... A meu ver o “texto virtual” assenta em duas estruturas básicas do próprio universo (segundo o ponto de vista científico actual): a combinatória e o acaso. Ou seja, o pensamento atomístico na ciência corresponde ao que foi chamado de estruturalismo nas humanidades. Um exemplo: o que é a química desde Mendeleiev? Uma imensa combinatória de átomos e moléculas. E a linguagem humana? Uma infinita combinatória estruturada de letras, sons, palavras. De certo modo, até o acaso na arte se espelha no princípio da indeterminação de Heisenberg para a física das partículas. Eu diria que, no caso de um algoritmo textual, a aleatoriedade é uma forma incompleta, pontual, de percorrer o infinito de uma combinatória que nos excede.

RT – E também uma forma de garantir que esse grau de inesperado, de informação (do “novo”), aflora à superfície do texto...

PB – Exactamente. O que me fascinou quando me aventurei a trabalhar nesta área (bem antes da internet...) foi precisamente isso. Na época nem havia um nome para expressar o que eu pretendia fazer: escolhi o nome de “ciberliteratura” por analogia com a cibernética, então na moda, onde a raiz “ciber” estava ligada à noção de automação. Se pudesse voltar atrás talvez preferisse o termo de “literatura algorítmica”, porque depois surgiu a internet e o radical “ciber” passou a ser mais associado à noção de ciberespaço, popularizando um conceito totalmente diferente ligado à grande rede mundial. No texto virtual o computador é utilizado como o matemático o usa: como máquina algorítmica. Nós concebemos um algoritmo, uma matriz, isto é, um padrão textual em estado de potência, e a máquina devolve uma grande parte do campo de possibilidades aberto por essa matriz. Tu, posteriormente, acrescentaste-lhe o carácter multimédia que era o que se impunha na era plena do digital... Mas a ligação disto ao livro, ao *e-book*, à escrita linear ainda me causa alguns engulhos. Sobretudo hoje, com o declínio do CD-DVD e a migração de tudo para a nuvem. Uma espécie de nostalgia que é a perda do “objecto” (seja o livro, CD, DVD, etc.).

RT – Essa desmaterialização, que se agudizou com a nuvem, resultando da transferência da informação, dos suportes físicos, tocáveis, para o domínio do virtual, sem base atómica legível, ou reconhecível, poderá levar os leitores a não entender a dimensão e a profundidade dos ciber textos? Quer dizer, o “livro” passa a não ter propriamente um índice, a sua própria dimensão passa a ser variável: é preciso que o leitor se “jogue” nele, jogando-o, enfrentando o desconhecido, o labirinto...

PB – Certamente. A este respeito deixa-me contar um episódio engraçado. Quando um desses meus trabalhos foi lançado, em disquete, a *Teoria do Homem Sentado*, e isto já na transição da

disquete para o CD, aconteceu eu ver-me frente a frente numa livraria com um outro leitor que tinha esse livro entre mãos tirado do escaparate. Fiquei a observar a sua reacção. E aqui está a vantagem de o escritor poder fazer de mosca, pois preserva um tanto o seu anonimato visual, salvo alguns casos mais mediáticos, claro, pois o que fica dele é apenas um nome (quando fica). Pode assim passar despercebido, como neste caso, entrar numa livraria e observar a reacção de um leitor à nossa frente. Importa dizer que esse livro, embora apelidado de virtual, era um “objecto”: vinha embalado numa caixinha plástica que se abria em duas partes, de um lado estava um livrinho em papel com apenas a teoria e, do outro, a disquete com o “verdadeiro” texto em estado virtual. Ao abrir a caixa do livro, aparentemente interessado ou curioso com aquele livro estranho, vejo-o folhear as páginas do livro em suporte papel, e a ler aqui e ali. Depois caiu-lhe ao chão a disquete da outra metade do livro: ele pegou nela, colocou-a no respectivo encaixe, e pôs de novo o “livro-objecto” na estante. Ou seja, não percebeu que o livro não estava naquilo que ele leu, e por isso deve ter achado que o autor seria doido varrido (*risos*), pois dá um livro com instruções para quê? O que fazer com ele? Não percebeu que o livro que ele deixou cair é que era o que interessava.

RT – Precisamente porque não acompanhava esse “livro” o mecanismo que lhe permitiria activar e articular (gerar) o texto. Essa parece-me ser, aliás, uma das questões centrais que estas novas textualidades levantam: a progressiva anulação do registo material que os processos de digitalização e virtualização envolvem, como explica, entre tantos outros, o Kittler. Com o escrito, que é inscrito numa superfície visível, apenas precisamos de ter acesso ao código linguístico, e conseguimos resolver, traduzir em ideias, essa codificação. Com a disquete da *Teoria do Homem Sentado*, pelo contrário, esse leitor precisaria de todo um aparato tecnológico – hardware, software, etc. –, e isso levar-nos-ia inclusive a questões de obsolescência tecnológica, etc. Isto é, há todo um ecossistema de interdependências a que nem todos têm acesso. Levar um livro ou

levar uma disquete para uma ilha não é bem a mesma coisa...

PB – Bem visto, sim. Mas a nova geração já está tão ligada a esses dispositivos que praticamente consegue fazer um curso superior sem ter na estante um único livro. O que por um lado é lamentável. Tem tudo o que precisa no computador e no telemóvel. A geração do telemóvel é uma geração para quem a tecnologia do computador, que já foi megalítica no início, se vai transformando em microtecnologia. Vejo um sinal disso até nas experiências de computação quântica, pois estamos a reduzir a tecnologia a tal ponto que qualquer dia o telemóvel é um *chip* que nos colocam, e pronto. Passamos a ter acesso biótico ao “arquivo universal”, ao “akasha” subtil onde tudo está escrito (dizem! rs). Na verdade, nós hoje já estamos controlados por microtecnologias, as quais nos vigiam em qualquer lado em que estejamos, e há planos secretos da parte de alguns governos para “chipar” toda a população, dizendo que é para protecção dela contra a criminalidade que eles próprios impulsionam...

RT – O sistema de cartões de crédito já foi um excelente campo de ensaios para tudo isso, no sentido em que permitem uma vigilância e um mapeamento das nossas escolhas de consumo, de registo e mapeamento dos momentos em que fazemos essas escolhas... Uma sociedade sem dinheiro vivo será certamente um passo para uma sociedade mais facilmente controlada, sitiada.

PB – É verdade, e hoje já quase tudo se paga potencialmente, ou virtualmente, com os cartões de crédito. Aliás, o que chamamos de dinheiro nada mais é do que um número num computador. O que é que recibes como vencimento ao fim do mês? Uma mera transferência de dígitos no sistema bancário. Basta uma explosão solar, ou qualquer acto de sabotagem que destrua os satélites de comunicação em torno da Terra, para que esta civilização entre toda em colapso. É tudo tão frágil, e tudo assente num nada que é o dinheiro, que não me parece nenhum anacro-

nismo admitir que estamos no final deste ciclo civilizacional.

RT – Um dos aspectos do imaginário ufológico que me cria alguma inquietação tem que ver com o modo como a cultura popular trata essas questões, já que tudo isto aparece sinalizado e re combinado em filmes, *websites* com pretensas teorias da conspiração, notícias, narrativas em banda desenhada ou séries de TV... Serão estas narrativas populares formas de distrair do essencial? E, se sim, distrair de o quê, precisamente? Parece-me, por um lado, que estamos a afirmar que as pessoas desconhecem, ou não querem saber, mas, na verdade, elas entretêm-se com tudo isto, gostam do efeito de superficialidade que se acaba por gerar.

PB – Ufa! Isso implica tanta coisa ao mesmo tempo que nem sei como responder. Precisaria de muitas respostas...

RT – Podes escolher uma?

PB – (*risos*) Acho melhor não! Mas repara como o nosso pensamento já é múltiplo... e temos dificuldade em reduzi-lo a uma estrutura linear... Talvez quando o ser humano assumir a sua natureza múltipla, multidimensional e não unidimensional, quem sabe já estaremos noutra dimensão? Aqui entra, no meu modo de ver, a dialéctica virtual/actual. Não só no plano do texto, mas no plano da realidade. Eu vejo a realidade, no seu todo, como um imenso estado potencial de mundos possíveis: aquilo que chamamos de mundo concreto nada mais é do que a actualização de um desses estados virtuais. E aqui aproximamo-nos outra vez de modelos científicos (ou filosóficos) a serem trabalhados num outro paradigma: caso da Teoria dos Mundos Paralelos. Talvez haja um mundo paralelo (ou possível) em que Napoleão tenha caído do seu cavalo branco, e nesse mundo talvez a Europa não faça parte do mapa. A eterna questão do livre arbítrio do ser humano está aqui contida: temos uma infinidade de decisões possíveis, mas delas todas só podemos escolher uma. É como no texto virtual, no multítexto, na navega-

ção de uma hipermídia... O nosso livre-arbítrio é muito restrito, muito relativo: se a filosofia nunca chegou a acordo nisto é porque usa uma lógica dicotómica, do sim e do não entre dois absolutos. Mas hoje, mais do que nunca, precisamos de lógicas modais. No entanto, para habitarmos este mundo da densidade matérica, precisamos desse “escafandro” a que chamamos corpo físico, e dentro dele estamos reduzidos a determinadas estruturas de pensamento lógico, às noções de espaço e de tempo, e sobretudo a esta modalidade que nos limita muito, que é uma visão do tempo linear, como passado-presente-futuro.

RT – Estamos condicionados, portanto.

PB – Exacto, estamos condicionados, condicionados para viver isto aqui. O famoso livre arbítrio de que dispomos é muito limitado e relativo. Vestimos um escafandro pesado e incómodo para mergulharmos no mar, não é assim? E o corpo biológico que usamos nesta dimensão é o escafandro de que o nosso “eu” precisa para habitar aqui. Com toda uma formatação mental (um *software* apropriado): as noções de espaço e tempo são um desses constrangimentos. A unicidade, a linearidade do pensamento, a lógica do sim e do não são outros mais.

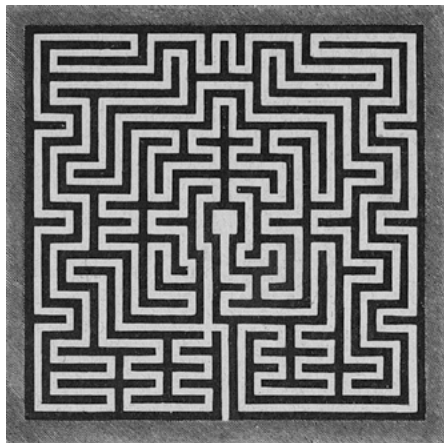
RT – Estamos condicionados, OK, mas na poesia, nessa dimensão do imaginário, tal não parece acontecer. Como escrevia o poeta concreto brasileiro Augusto de Campos, há um “passente pressuro futuado” e um “pressado passuro futuente”, e por aí fora. Ou ainda, como gosto sempre de citar quando tento explicar a variabilidade inerente ao texto computacional, o Fernando Pessoa, de novo, agora em “modo” Álvaro de Campos: “Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro, / Porque o presente é todo o passado e todo o futuro / E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas”...

PB – Aí está uma boa dica. Sim... E já agora, a propósito da relação virtual/actual, também eu gostaria de aqui deixar um outro belo exemplo literário que alegoriza a nossa dimensão viven-

cial. É de Saramago, no início da sua “Viagem a Portugal”. Posso?

“O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.”

O viajante de Saramago é muitos viajantes. Ele teve a intuição da multiplicidade de alternativas que esta vida nos oferece inesgotavelmente, mas não sei se pensou que estava sem querer a definir a “pluralidade de mundos possíveis” que num mesmo espaço se entrecruzam em função da infinidade de momentos que compõem a nossa linha do tempo. Ou seja: Saramago estava a captar a limitação subtractiva que as nossas decisões trazem ao passarem do plano virtual para o plano actual. Ao transitarem do multiverso para o universo. Enquanto a escrita linear é subtractiva, o hipertexto é aditivo. Por isso a hiperficção se perde e se dispersa num labirinto infinito de caminhos divergentes. Tal como na vida. Do mesmo modo, quando nós começamos a trabalhar com o que chamo de “cibertextualidades”, começamos a ter dificuldades em pensar as coisas de uma única forma. Daqui nasce o pensamento múltiplo, e o ser humano começa a evoluir para o ser multidimensional de que se esqueceu que é.



**Figura 3.** Imagem de um labirinto. Die Gartenlaube (1885). Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/bf/Die\\_Gartenlaube\\_%281885%29\\_b\\_787\\_1.jpg/800px-Die\\_Gartenlaube\\_%281885%29\\_b\\_787\\_1.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/bf/Die_Gartenlaube_%281885%29_b_787_1.jpg/800px-Die_Gartenlaube_%281885%29_b_787_1.jpg)

RT – Então, e regressando à minha questão, como lidar com essa questão da cultura popular...? Do imaginário...?

PB – A cultura popular é a cultura popular. Que hei-de dizer? Há coisas ancestrais, lendárias, mitológicas, que hoje revelam o que dantes ocultavam no inconsciente colectivo; mas há também toda uma cultura popular que é manipulada pelos poderes estabelecidos, desde as religiões seculares à publicidade actual e ao *marketing*, da música *pop-rock* ao cinema hollywoodesco. Mas tudo o que eu poderia dizer já está dito por outros, e muito melhor do que eu poderia dizer...

RT – OK, não vou então insistir mais nisso... (*risos*)

PB – Agora, no que respeita ao Imaginário, isso levanta outras questões muito interessantes. Eu vejo a arte como um complemento da ciência. A ciência (refiro-me sobretudo à ciência oficial) explora o conhecimento necessário para nos integrarmos neste mundo matérico, para compreendermos como funciona o mundo denso desta dimensão em que nos movemos

fisicamente, usando o nosso corpo. É um modelo, digamos, sógnico, linear, assente numa lógica ainda quase aristotélica. O imaginário que se liberta através da arte, que assenta mais numa lógica de teor simbólico, a meu ver investiga não tanto esta realidade actual, aquilo que tomamos por “mundo real”, mas a pluralidade de “outros mundos” virtuais, as demais possibilidades de realidade que não foram concretizadas no mundo em que estamos inseridos – as outras infinitas combinatórias da grande lotaria cósmica que não nos calharam em sorte, ou azar (*risos*). É claro que esta minha perspectiva se inscreve numa “teoria dos mundos possíveis” ou dos “mundos paralelos”. Por este ponto de vista, a Ciência e a Arte complementam-se: uma dirigida para a unicidade do mundo actual, a outra dirigida para a multiplicidade dos mundos possíveis. É como no caso do texto virtual de que falámos: há a infinidade dos textos possíveis, o tal “campo textual”, e o texto efectivamente concretizado dentro dessa infinidade de possibilidades. Será que posso deixar aqui um exemplo? É tão-só um fragmento gerado com o sintetizador textual Sintext, o fragmento de um texto que se prolonga indefinidamente até o leitor decidir parar o gerador textual. Por isso apelidei de “texto infinito” este tipo de cibertexto, fazendo explodir a carga semântica de qualquer texto (original ou não). Neste caso foi o universo herbertiano. A matriz textual pode ser idêntica, mas isto é algo que ele nunca escreveu:

Olha: eu queria saber em que animal  
se morre, para ter uma chama e com ela  
atravessar paisagens leves e ardentes e crimes  
sem pausa. Existe nas máquinas absolutas  
um lírio para  
a poeira tremer, e o teu ar  
se volta lentamente cheio  
de febre para o país de uma criança  
terrível e fria.  
Ofereço-te um pneu furado  
– diz a roupa sentada.

RT – Belíssimo, de facto, o texto-matriz, mas incrivelmente nova, e diferente, a variação. Tematicamente, mas também ao nível do procedimento implícito no original, idêntico ao usado por Helder no já referido *Húmus*, enquanto leitor de Brandão: “com um povo de estátuas em cima, / com um povo de mortos em baixo”, e ainda, talvez melhor: “Atrás desta vila há outra vila maior, outra / imagem maior. (...)”... Helder, aliás, parece ter trabalhado muito ao nível do texto possível (a ideia de “Ou o poema contínuo”...), e foi ele quem chegou a referir que o princípio combinatório é a “base linguística para a criação poética”...

PB – Claro! Para mim, existe um paralelismo entre as novas teorias científicas – caso da “teoria dos mundos possíveis”, o “pensamento quântico”, etc. – e a própria evolução da arte, sobretudo nestas textualidades que põem em prática, também, algo que se aparenta muito a esses novos paradigmas científicos. É por isso que eu julgo que a evolução destas novas textualidades, em paralelo com as novas teorias científicas, antecipam não só um outro estado de consciência, mas também preparam um novo paradigma de pensamento. Algo de que vamos precisar nesta época de transição em que estamos. Regressando à questão que levantaste do imaginário, eu diria então que o artista, o poeta, o ficcionista, eles não mentem, não “inventam”: eles exploram os mundos possíveis que caíram fora da lotaria da Vida. O cientista trabalha no mundo actual, o artista nos mundos potenciais. As tais *Metamorfoses de Real*...

RT – Essa visão do artista enquanto explorador de mundos possíveis está de novo em Fernando Pessoa, no famoso poema «Autopsicografia» (1931): “O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente.”

PB – É isso mesmo.

RT – Então porque é que estas textualidades, que nos ajudam a fazer uma transição, foram – e

continuam, de certo modo, a ser – acusadas de formalismo?

PB – Hoje já não serão assim tanto acusadas, seria preciso recordar o contexto social e político em que surgiram. O que eu acho é que precisamos de restabelecer uma homologia entre o texto e a estrutura base do ser humano. Pensemos nas dimensões básicas da linguagem definidas no triângulo semiótico, – o significante, o significado e o sentido. O computador trabalha ao nível do significante, e pelo menos por enquanto não tem consciência daquilo que escreve. No entanto, ele produz significados, os quais encontramos no dicionário. Mas enquanto estamos ao nível deste significado, estamos ao nível do aluno da escola primária a quem o professor ensinava a tabuada sem ele saber para que é que servia. Por muitas reguadas que levasse, a verdade é que a tabuada só lhe serviria mais tarde, quando ele compreendesse, quando tivesse “consciência” do que era uma multiplicação, uma subtração, etc. Ou seja, no meu tempo retrógrado ensinava-se matemática à criança tal como hoje se ensina o computador na chamada Inteligência Artificial: sem ela compreender o porquê e o para quê, ou seja, sem compreender o “sentido” do que fazia... Só se começa a achar que a matemática é interessante quando se começa a percebê-la e a ter consciência do sentido. Refiro-me ao “sentido” na acepção semântica da palavra. Ora “sentido”, num texto literário, como bem se sabe, é sempre plurissignificativo, plurisotópico, pluridimensional, e daí a necessidade da hermenêutica, da interpretação do texto. Porque é que relembro isto aqui? Porque o computador, mesmo laborando o texto computacional ao nível do significante e do significado, não dispensa a “consciência do significado”, ou seja, o “sentido”, algo que até agora verdadeiramente só o ser humano que trabalhe com o computador vai conseguir atribuir ao texto gerado. Então, se repararmos bem, esta estrutura triádica do texto – o significante (material), o significado (conceptual), e o sentido (consciencial) – corresponde à própria estrutura tríplice do ser humano (corpo/mente/consciência), e também do conhecimento que ele obtém do mundo (a física e a biologia

para o plano material, a psicologia para o plano mental, a filosofia para o plano da consciência). Ou seja, a famosa trindade cérebro/mente/consciência equivale ao triângulo semiótico significante/significante/sentido. Julgo que isto nos ajuda a resolver algumas das disputas que em tempos se acendiam no terreno da Inteligência Artificial e hoje na Robótica. Ou no âmbito do texto computacional e da ciberliteratura: e portanto na relação entre autor e leitor quando intermediados pelo computador criativo.

RT – Ainda assim, se me permites mais um parêntesis, aquilo que define a criatividade humana e o valor da vida humana talvez seja precisamente essa lacuna, essa ausência do conhecimento total que parece estar embebido no arquivo akáshico. Por isso pergunto se esse outro tipo de consciência, essa passagem para uma quinta dimensão (que, por vezes, mais me parece um julgamento final...), não retira todo o aspecto lúdico da arte e da experiência humana... Não será esse caminho para descobrir, lentamente, e cometendo os erros necessários, o que define o humano?

PB – Concordo inteiramente, é uma observação subtil, mas não sei como responder. Apenas me ocorre este lema que está na base do velho hermetismo, e que já referi: “O que está em cima é o que está em baixo.” Ou: “O que está em baixo é o que está em cima”. Hoje diríamos que a realidade é fractal, que tem uma estrutura fractal, de múltiplos encaixes, de níveis dentro de níveis. O que nos leva ao curioso modelo astronómico de Frank Close, à “Cebola Cósmica” estratificada em níveis sucessivos. Em todo o caso, podemos pensar o mundo de baixo para cima ou de cima para baixo. Do matérico para o subtil; ou do subtil, do etérico (o akáshico) para o matérico. Na minha perspectiva, a velha dicotomia filosófica – materialismo *versus* espiritualismo – resume-se a uma diferença de percursos. Ou a uma diferença de prioridades ontológicas. Com o texto, a meu ver, sucede o mesmo: podemos ir do sentido para o significante, mas também do significante para o sentido.

RT – Do concreto para o abstracto, e do abstracto para o concreto, portanto. Curiosamente, como no texto de Helder/Brandão, que me está a surgir vertiginosamente: “A um grito em baixo corresponde logo / um grito em cima”...

PB – Nem mais! Raul Brandão também tinha uma sensibilidade metafísica, não era?

RT – Ou sensibilidade cósmica... a qual Brandão certamente partilha com Helder, e tantos outros. Isto faz-me lembrar, aliás, a tua proposta, no contexto da “noosfera” do Chardin, para uma robosfera. Queres abordar este assunto?

PB – Essa ideia ocorreu-me há uns 30 anos atrás, quando lia o livro *O Lugar do Homem no Universo*, de Teilhard de Chardin. Às etapas do seu esquema evolutivo (litosfera>hidrosfera>atmosfera>biosfera>noosfera) eu acrescentei, efectivamente, mais uma, a da “robosfera”. Nessa época vivia-se com entusiasmo o início da Inteligência Artificial e da Robótica, e tinha-se começado a pousar os pés na Lua, era também o começo da Astronáutica... A robosfera, portanto, seria uma geração de seres mecânicos, dotados de inteligência artificial, para quem nós transferíamos os nossos conhecimentos e o nosso modo de agir. Ou seja, de certo modo o *robot* era uma espécie de avatar tecnológico nosso, um ser dotado da inteligência artificial, que nos substituíamos em condições adversas, com a vantagem de não sofrer nem ter medo da morte. Digamos que a robosfera seria uma geração futura de seres mecânicos, nossos duplos, criados não por meios biológicos e sim por meios tecnológicos – numa espécie de reprodução mental. Uma duplicação da noosfera, portanto, mais vocacionada para o desenrolar da Aventura Espacial e a dispersão cósmica. Curioso será notar que foi assim mesmo que nas décadas seguintes a astronáutica veio a ter continuidade: quem hoje explora Marte e outros planetas são robôs e não seres humanos. Ora o que eu vislumbrava aqui era uma ruptura antropológica, uma mudança de era na História da Humanidade. Passava-se de uma consciência planetária para uma consciência cósmica... A planetarização foi aquilo a que tínhamos chegado até então: à

consciência de que fazíamos parte de um planeta. Hoje carecemos de uma consciência mais ampla: a de que fazemos parte integrante de um vasto sistema interplanetário, galáctico e extragaláctico, onde a vida é uma constante universal. Para entrarmos nessa era cósmica precisamos naturalmente de novos paradigmas, científicos, filosóficos, de linguagem, etc., precisamos, sobretudo, de nos abrir à convivência com outros seres que co-habitam o Universo muito antes de nós (e digo isto com toda a certeza – dentro do que é possível ter certezas...) (*risos*). É essa aprendizagem difícil que nós hoje estamos a fazer e que a ufologia, a exobiologia e a exopolítica investigam. Chamemos-lhes irmãos cósmicos, para termos um pensamento mais positivo. Para eles a Terra é este jardim zoológico decadente em que vivemos. Alguns são os nossos antepassados cósmicos. E muitos estão aqui, simplesmente pouco sabemos deles tal como no mar os peixes pouco saberão da existência dos humanos – e no entanto vivemos lado a lado no mesmo plano e no mesmo planeta! (E atenção que não estou a fazer nenhuma apologia da invasão extraterrestre, que é isso que a ficção científica hollywoodesca divulga, com interesses obscuros e subsidiados... Talvez Tarkovski fosse um exemplo mais poético a ter em conta...).

Curiosamente, foi com a representação em palco de *AlletSator*, em 2001, que se operou em mim uma visão diferente do trabalho com texto aleatório, com o acaso na arte. Foi como se a geração randômica dessa peça, que no fundo é uma peça teatral de ficção científica, tivesse algo de premonitório em relação ao que logo a seguir eu próprio iria viver! O acaso na Arte pareceu ser uma espécie de propedêutica à minha compreensão do acaso na Vida. Ou do que chamamos de “acazos” na vida – as sincronicidades. A lei dos grandes números deixou-me essa sensação: que da desordem parece nascer a ordem, que do caos provém o cosmos, como queriam os Antigos. Ou então, para reforçar o que aqui tento sugerir: que há uma “meta-física” do texto. Quando nós, involuntariamente, colocamos o pé em cima de um formigueiro, o que pensarão as formigas em pânico dessa catástrofe? Lá está a frac-

talidade do Real... Com toda a probabilidade elas não sabem que habitam dentro de uma outra civilização, que é a nossa – e ambos vivemos dentro do mesmo mundo natural. Seremos nós os ET delas? Se elas filosofassem, e fossem formigas ufólogas, qual seria o sentido da vida para elas? Do mesmo modo, qual o sentido da vida para o ser humano? Os existencialistas filosofaram muito sobre isso e foram sempre levados ao absurdo! A meu ver, todo o pensamento escatológico deve ser encarado no interior desta grande estrutura fractal que chamamos de realidade. No interior de um universo estratificado. Vamos imaginar a Terra vogando no espaço como um pequeno palco carregando toda a tragicomédia shakespeariana que é o mundo humano. E se a Terra não passasse de um laboratório ou de um jardim biológico para outros seres mais evoluídos? Vamos então admitir que haja jardineiros, os “Watchers”, cuidando do jardim. Ora, na perspectiva do jardineiro, a lógica dele não é a lógica das plantas e sim a lógica do jardim. Por isso as ervas entram em pânico quando vêem o jardineiro chegar: porque ele arranca as ervas daninhas e preserva as outras... Mas também colhe flores e frutos maduros! O que é bom para o jardineiro pode não o ser para a planta. Tudo isto é tudo muito relativo. Estamos para lá do Bem e do Mal nietzscheano...

RT – Voltamos, portanto, à cibertextologia?

PB – Pois. De facto esta divagação veio a propósito da questão do formalismo que puseste há pouco. Estas coisas enredam-se tanto umas nas outras que é difícil tirá-las deste novelo de ligações. Além do mais há coisas que não tenho como exprimi-las em palavras numa conversa como esta... Mas quando colocaste a questão do formalismo em relação à poesia experimental, eu penso que essa acusação era mais forte antes e no pós-25 de Abril, quando as tendências neo-realistas se faziam ainda sentir muito no nosso meio literário. Aliás, durante os meus tempos de estudante em Coimbra cheguei a acompanhar as azedas polémicas jornalísticas entre os surrealistas portugueses e os adeptos do “realismo socialista”. Os experimentalistas, como bem

sabes, também andaram envolvidos nessa batalha irrisória. Em termos pessoais eu senti isso quando comecei a “experimentar” nesta área, em 1976. Nessa altura estávamos ainda a viver os resquícios do chamado Verão quente, em que por pouco não se caiu em guerra civil, e quando a estética idanovista não se cansava de proclamar uma arte “ao serviço de”... Como se a arte devesse estar “ao serviço” de algo que não fosse dela própria, para ser o que é. Daí eu, nos primeiros “auto-poemas cibernéticos”, ter tido a preocupação de introduzir temáticas diferentes, pois na verdade uma forma pode sempre moldar-se a qualquer conteúdo. Assim nasceram textos mais “interventivos”, tão circunstanciais que talvez não façam qualquer sentido hoje para a nova geração, como será o caso da *litania electrónica* “25 de Novembro”, por exemplo, se a memória não me falha. Ou mesmo de outros textos gerados automaticamente em computador, como fosse a *lengalenga electrónica* “Silêncios”, onde se faziam variações permutacionais como “MORRE NA PALAVRA DA FORÇA O MEDO DA VERDADE” ou “NA VERDADE DA PALAVRA CRESCE O MEDO DO SILÊNCIO”, etc., etc., etc. Nessa época todos éramos mais ou menos interventivos ou activistas, pelo que textos deste teor dificilmente poderiam ser alvo dos críticos da “arte pela arte”. Além de que, ao longo da extensa combinatória, tanto se podia dizer uma coisa como o seu contrário. A dificuldade de aceitação talvez viesse mais da ideia peregrina de se usar o computador para fazer literatura em vez da pena de pato e do tinteiro para lhe molhar o bico. Ou também da dificuldade da crítica em catalogar esses textos estranhos para os quais nem havia ainda nome que se lhe pudesse atribuir. Eu próprio me debati com esses problemas de nomenclatura quando fui publicando os primeiros livros. E essa nomenclatura foi variando de livro para livro até que infelizmente me fixei na de “ciberliteratura”, que agora se tornou equívoca com o triunfo da internet e do termo “ciberespaço” ligado a ela. Mas nessa época a Grande Rede Mundial ainda estava longe de chegar.

RT – Tornou-se equívoca e, provavelmente, ainda que sem intenção, provocou equívocos...

PB – Sim. Ainda há cerca de um ano, numa entrevista por telefone de Lisboa, um jornalista pôs na minha boca palavras que eu nunca disse ao publicar um artigo sobre literatura e computador. Segundo ele, eu fazia ciberliteratura porque a colocava no ciberespaço, ou algo assim. Pois é esse o uso quotidiano que um jornalista faz do computador, um jornalista ou a nova geração: para se ligar à internet, usar os motores de busca, ou armazenar ficheiros. O computador deixou de ser a fascinante máquina algorítmica e criativa que dantes era, aliás ainda fácil de programar, para se tornar num mero armazenador e difusor de informação.

RT – E quando era essa “fascinante máquina”, qual era o teu objectivo: geração de complexidade? E como lidavas com os resultados dessa complexidade?

PB – De início foi para ver como se pode, com um texto combinatório, por exemplo, e com uma mesma estrutura textual, passar da temática poética de uma cidade como Aveiro (“UMA ÁGUA SEM RIA NA TRISTEZA DA ALEGRIA”), para uma cidade como o Porto (“NA SAUDADE DO GRANITO A PEDRA DA HISTÓRIA”), e daí tirar derivações semânticas imprevistas (*trovas electrónicas*). Preocupei-me por introduzir um determinado léxico, alimentando os programas com um repertório ainda limitado. Note-se que com apenas estes oito elementos lexicais o número de permutações é descumunal à escala da leitura humana: na ordem dos 40 320 “versos”. Quem os leria? Foi preciso introduzir no programa “filtros sintácticos”, com o que consegui reduzir drasticamente as realizações sem sentido, mas mesmo assim, com apenas as oito palavras dos textos iniciais como *Porto* ou *Aveiro*, o texto completo gerado pela máquina era na ordem dos 620 versos escritos em escassíssimos minutos (hoje seria em fracção de segundos)! No entanto, acrescentando só mais uma palavra, num total de apenas nove, o número de permutações atingia as 362 880. Com dez palavras, chegava-se à ordem dos milhões! Foi aí que comecei a aperceber-me do quanto o computador podia superar

as limitações humanas: trabalhando em simbiose com ele, como um extensor de complexidade.

RT – Como é o caso do poema-algoritmo que tu, e depois também eu, reatualizamos, do E. M. de Melo e Castro, publicado no livro *Álea e Vazio*, “Tudo pode ser dito num poema”, onde se lê, entre muitas outras possíveis variações, “Acaso o fogo é luz em presença da noite?”. Um texto fundador, de certo modo, destas experiências...

PB – Exactamente. Porque aí entramos dentro do que eu gosto de chamar (perdoem-me os rigoristas) “pensamento quântico”: no qual uma coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo. Pode ser partícula e pode ser onda, ou, melhor dizendo, pode encontrar-se num estado de partícula ou num estado de onda. É um outro modo de pensar. Uma lógica de certo modo não-aristotélica: porque viola o princípio da identidade. Aliás já Lautréamont, muito antes dos físicos das partículas, brincou assim com a linguagem. Por exemplo, dizer: “Perdemos a vida com alegria, contanto que disso se fale” (Pascal) ou o seu contrário: “Perdemos a vida com alegria, contanto que disso se não fale” (Lautréamont), equivalem-se. Apesar de em negação simétrica, ambas fazem sentido! Para mim, a teoria quântica, que infelizmente, hoje, está a transformar-se numa moda, usada a propósito e a despropósito de quase tudo, representa acima de tudo um outro modo de pensar as coisas. Um novo paradigma. Não a tomo exclusivamente nos limites técnicos da mecânica quântica, mas de uma outra lógica, um outro olhar sobre o mundo... Claro que eu tinha medo de errar, ou de ser abusivo, ao tentar aplicar esse modo de pensar à linguagem e à criação textual. A experiência com *AlletSator* foi exemplo disso. E, já agora, um aparte curioso: uma vez vinha do Brasil, daquela cidade com um nome muito engraçado, Juiz de Fora, e vinha de um congresso, numa carrinha que nos trouxe ao Rio de Janeiro para apanharmos o avião. Eu tinha lá ido a convite da UFMG para apresentar esse trabalho na versão hipermédia, em que também tu colaboraste grandemente, e que com o Luís Carlos Petry decidimos chamar de “ópera quântica”, um tanto por brincadeira. Acontece que, no

regresso, calhou vir acompanhado por dois físicos quânticos norte-americanos. A viagem ainda deu para conversar bastante, e dormir um pouco (*risos*). Mas foi um acaso curioso (se um acaso foi) porque eu tinha ido lá apresentar esse meu trabalho, porém com algum receio de fazer extrapolações indevidas. O que me interessava era a lógica subjacente ao pensamento quântico. Tinha tido discussões com amigos meus, da física clássica, que sempre recusaram liminarmente a minha ideia. Mas foi muito curioso que um desses físicos americanos, que aliás se considerava um químico quântico, e não um físico, disse: “Realmente nós nunca pensámos nisso; nós vamos para o laboratório e fazemos experiências, anotamos registos, mas nunca nos interrogámos sobre isso, não somos filósofos, somos técnicos”... Ou seja, lá concordaram comigo, e estou em crer que não foi só por gentileza. Em suma, isto deixou-me mais tranquilo, mais seguro nas minhas incertezas. E essas textualidades ajudaram-me também a perceber o quanto a verdade é instável: uma coisa pode ser, e ao mesmo tempo ser o seu contrário – de resto todos nós somos um monte de contradições... (*risos*). O pensamento é feito de jogos de linguagem (Wittgenstein), mas o inverso também pode ser dito: que a linguagem, mormente a literária, é um jogo de pensamentos. A infinita variabilidade desse texto era isso: aleatória mas não vazia!

RT – Aliás, as primeiras estruturas combinatórias, chamemos-lhes assim, são os labirintos textuais, os anagramas, os emblemas, etc., do Barroco, recolhidos e estudados pela Ana Hatherly, entre outros, que fez um trabalho maravilhoso de recuperação dessa tradição literária “escondida”, e que esteve precisamente no centro da releitura da história literária que o experimentalismo sempre procurou fazer. Ana Hatherly, já agora, que também trabalhou, ela própria, com estruturas variacionais nos seus poemas (o livro *Anagramático* sendo talvez um dos mais belos resultados desse imenso trabalho). Foi também ela quem recebeu e recensou os teus volumes de *A Literatura Cibernética*, na revista *Colóquio/Letras*...

PB – É verdade, e eu tenho essa dívida cármica para com ela, porque realmente nunca aproveitei as oportunidades que surgiram para a contactar pessoalmente, embora julgue que o fiz uma vez por carta. Ela foi muito generosa com os meus dois primeiros livros, e mais, foi talvez a única pessoa que escreveu sobre eles na época. E embora a admirasse, eu era tímido e evitei por isso o desconforto de a conhecer. No entanto – e isto fica aqui entre nós (*risos*) –, a verdade é que também esse interesse inicial talvez tenha sido um pouco no sentido de me integrarem no *movimento* da poesia experimental. O problema é que eu, por modo de ser, nunca gostei de pertencer a grupos de espécie nenhuma, o que me prejudicou muito na vida. Não nasci “peixe de cardume”, eis o motivo, e sempre fiz questão de manter a minha independência de pensamento e de actuação. Digo isto sem o menor negativismo, e reconheço hoje que talvez tenha feito mal, pois foi sem dúvida o movimento da poesia experimental que, na minha adolescência, enquanto leitor, me abriu o caminho para o que fiz depois neste domínio da literatura computacional...

RT – Além do *Álea* e *Vazio*, já referido, e dessas releituras do Barroco, não esqueçamos que foi Herberto Helder e, mais ainda, António Aragão, quem trouxe a notícia, de Itália, das experiências do Nanni Balestrini... E o primeiro número da revista da *Poesia Experimental*, hoje considerado um arauto da libertação da poesia dos cânones, foi onde o Helder publicou os primeiros fragmentos de *A máquina de emaranhar paisagens*, dedicando-se portanto à poesia combinatória (ou de inspiração combinatória, porque em Portugal não haveria máquinas...).

PB – Sim. E isso é curioso, pois o texto do Balestrini, para quem conhece italiano, é um texto literariamente muito fraquinho. Foi apenas uma experiência, e uma experiência sem continuidade por parte dele, que eu saiba, mas uma semente que, se deu fruto, talvez tenha sido precisamente porque inspirou outros poetas como o Herberto Helder que intuiu a ideia e a cultivou com outra densidade, embora à mão. Nem sei

porque se fala tanto do texto de Balestrini, talvez pelo tal “espírito de grupo”, pois quase pela mesma época o matemático francês Louis Couffignal fez algo de muito maior qualidade poética, embora numa linha surrealizante e não combinatória. E de tal modo que no congresso em que ele apresentou esse texto gerado por computador muitos dos presentes o preferiram a um outro texto do poeta Paul Éluard, que foi colocado anonimamente em confronto.

RT – Qualidade talvez equivalente a alguns dos textos produzidos pelo Angel Carmona, também ele pouco conhecido...

PB – Sim, os *Poemas V2*, mas esses surgem apenas na década seguinte. No caso do Couffignal não se sabe até que ponto ele manipulou o resultado, para despoletar a discussão nessas Conferências de Genebra. Eu estou convencido disso, já que o propósito dele não era criar um robot-poeta, mas incentivar a discussão em torno da questão da inteligência artificial.

RT – Já vai longa a conversa..., mas eu não queria deixar de te pedir para abordares a linguagem, enquanto prática essencialmente combinatória, aspecto que me parece central para o entendimento das cibertextualidades, em ligação com a ideia de *link*, de significação, relação/viagem entre um significante e o seu significado.

PB – Sim. Aproveito para referir, nesse contexto, que o Cláudio Fajardo trabalhou muito bem, na sua tese de mestrado na PUC de SP, uma questão que também muito me interessa, e que está interligada: a relação entre a noção de texto virtual, tal como aqui a estamos a considerar, como texto generativo computacional, com algo semelhante que pode ser encontrado no esoterismo judaico, com a cabala, embora numa perspectiva totalmente mística. Digamos, a ideia de que o verbo tem um poder potencialmente criador, um poder demiúrgico, genesiaco (e lá vem a conhecida frase bíblica: “No princípio era o Verbo”), mas ao mesmo tempo a ideia de combinatória, pois todo o universo é aí concebido como combinação infinita de letras. Outra coisa

não é aquilo que hoje a ciência pensa do ADN: uma combinação infinita de moléculas, às quais são atribuídas letras e, portanto, há aqui semelhanças tão curiosas entre essa ideia do criacionismo judaico e a genética contemporânea que nos faz pensar duas vezes. É por isso que algumas vezes eu digo, quando me perguntam o que é a literatura computacional, que é um trabalho de genética textual. Genética textual porque o autor manipula os genes do texto, ainda em estado potencial, e não sabe a infinidade de existências verbais que daí vão resultar. Outras vezes, mais para galhofar, digo que a Ciberliteratura consiste num trabalho literário em que o autor trabalha com ovos e não com galinhas: porque o ovo é a galinha em potência, tal como a semente ainda não é árvore criada. Daí a metáfora que também uso de “texto-ovo”, ou de “texto-semente”, para caracterizar a literatura virtual. E para lhe retirar aquele ar mais laboratorial que outros termos poderiam sugerir, como texto-matriz ou texto-genético... Pois há quem, no meio literário, ainda considere esta linha criativa como literatura de laboratório! (*risos*) Na verdade é uma literatura programada, uma literatura que exige uma programação informática prévia...

RT – O William Burroughs, que também fez as suas combinatórias, embora com “faca e tesoura”, nos seus *cut-ups* e nos *fold-ins*, dizia: “Language is a virus from outer space”, o que deu título a uma música da Laurie Anderson...

PB – Exactamente. Aliás, acho que ele aí estava cheio de razão... A heroína ou o LSD devem ter-lhe dado clarividência nesse momento! (*risos*) Na ufologia admite-se que a linguagem terá sido dada ao *homo sapiens* pelos Anunnaki, ou Elohim, seres que vieram do espaço há uns milénios atrás. E há muitos mitos nesse sentido, inclusive os mitos sumérios: veja-se a investigação arqueológica de um Zecharia Sitchin... Mas continuando: o texto potencial, ou generativo, como lhe queiramos chamar, nas suas várias modalidades, levanta uma questão filosófica interessante entre potencial e actual. O hipertexto, por exemplo, pode ser visto como uma metáfora do cosmos, porque um *link*, uma hiperligação, é

semelhante ao modo como eu presumo que outros seres vêm de planetas e galáxias que nós julgamos que estão a não sei quantos anos-luz de distância. Isso está sugerido na fábula ufológica que citaste de entrada. Os *links* textuais serão algo como os chamados “portais dimensionais”, os “vórtices” da ufologia; ou os *wormholes*, os “buracos de verme” da cosmologia relativística.

RT – Portanto, essa ligação entre os dois pontos...

PB – ...está situada fora do espaço-tempo, tem a ver com outras concepções. E, possivelmente, aquilo de que se fala agora muito, os *wormholes*, sejam esses vórtices, essas pontes interdimensionais, esses atalhos por onde se pode, de muito longe, chegar instantaneamente, ou quase instantaneamente, porque não é de muito longe que eles (os ET) vêm, a nós é que nos parece assim, pois a noção de espaço é uma necessidade da percepção humana. Eles podem estar muito mais perto em termos não espaciais (se assim me posso exprimir). E isto é muito semelhante ao modo como o hipertexto trabalha: aproximando, através das suas hiperligações, textos que estão no espaço e no tempo muito distanciados, mas nós acedemos a eles quase instantaneamente no ecrã de um computador, do mesmo modo que acedemos a um texto que esteja no disco duro – também aqui o espaço e a distância pouco importam. Podemos hoje aceder a um texto que está na biblioteca de Pequim, e até traduzi-lo aproximativamente num tradutor automático, sem termos de nos deslocarmos à China. Basta clicar num *link*, nesse portal textual, e temos o texto no ecrã do computador! Será assim que os *aliens* fazem as suas viagens intergalácticas? Pois eu admito que sim. Usando vórtices energéticos como *links* espaço-temporais? Talvez. Não sei. Um dia saberemos... (*risos*)

RT – Retomando, portanto, a questão com que começámos: algo que o nosso cérebro já fazia, através da linguagem, esse vírus, com os processos de mediação, referencialidade, ou até intertextualidade, ou não?

PB – Sim, de certo modo. Mas eu vejo a questão da intertextualidade deslizando só no plano semântico do texto, não no plano da sua realização. É uma questão interessante, sem dúvida, tens razão em lembrar isso. No entanto, pensando bem, não será todo o texto, afinal, mais do que um mero *locus* intertextual? Todos os textos se interpenetram, pelo menos na nossa consciência, naquilo que lemos. Nós nunca escrevemos: escrevemos...

RT – Não é apenas a intertextualidade: é a referencialidade, a economia da linguagem, esse mecanismo de significação que nos permite convocar objectos, estabelecendo relações entre significantes e significados...

PB – Concordo: é o tal poder genesiaco da linguagem, do verbo, da palavra. E, também, até que ponto a nossa realidade não é só compreendida, mas é também construída através da linguagem? A crença numa coisa, até que ponto determina a sua existência, ou não? Para quem acredita em fantasmas, eles existem e condicionam a sua reacção; para quem não acredita, é apenas uma palavra ou uma alucinação. O que eu gostava realmente de deixar acentuado nesta conversa é que eu vejo nestas cibertextualidades um reflexo da transição de uma “era planetária” para uma “era cósmica” da humanidade, uma transição em que outros paradigmas estão neste momento a ser forjados em todos os domínios, seja na ciência ou na arte, seja na política ou nas relações humanas.

